

ENUNCIÇÃO E REFERENCIAÇÃO: UMA ANÁLISE NO CONTO *TENTAÇÃO*, DE CLARICE LISPECTOR

Luciana Ribeiro de Souza¹

RESUMO

O enunciado, falado ou escrito, é constituído por uma interligação de elementos linguísticos ou fóricos que, ao serem introduzidos e/ou retomados, contribuem para manter a coesão e o sentido do texto. O principal objetivo deste trabalho é verificar os elementos fóricos (sintagma nominal, pronome, ou zero) usados na introdução e na manutenção da **não pessoa** do discurso, no conto *Tentação*, de Clarice Lispector (1999). A partir disso, objetiva-se especificamente analisar: (i) o grau de identificação de cada elemento fórico; (ii) o quanto o grau de identificação desse elemento contribui para a caracterização da **não pessoa**; (iii) como a **não pessoa** se instaura no tempo e no espaço da enunciação. Busca-se, a princípio, verificar, com base em Benveniste (2005; 1974) e Fiorin (1999), as instâncias da enunciação, respectivamente, as categorias de pessoa, tempo e espaço. Definidas essas categorias, parte-se, com apoio em Neves (2007, 2011, no prelo), para a análise referencial da **não pessoa**, bem como sua instauração espaço-temporal.

Palavras-chave: enunciação, referenciação, non-person.

ABSTRACT

The written or spoken enunciation consists of an interconnection of linguistic or phoric elements that helps to maintain cohesion and meaning of the text on the introduction and/or on the resuming of it. The main objective of this work is to verify the phoric elements (noun phrase, pronouns or null object) used in the introduction and maintenance of the **non-person** speech in the short story *Tentação*, by Clarice Lispector (1999). From this point on, the purpose is to examine specifically: (i) the degree of identification of each phoric element; (ii) how much the degree of identity of this element contributes for the characterization of the **non-person**; (iii) in what sense the **non-person** is established in time and space of the enunciation. Firstly, the instances of enunciation, respectively, the categories of person, time and space are verified based on the studies of Benveniste (2005; 1974) and Fiorin (1999); and subsequently, for the analysis of **non-person** as well as the establishment of time and space, the study is supported by Neves (2007, 2011, in press).

Keywords: enunciation, reference, non-person.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo/SP. E-mail: lucianalettras@gmail.com

Considerações iniciais

A referenciação é um processo pautado na interação verbal, processo que só se concretiza se houver no mínimo dois participantes interagindo. Esses interlocutores são, geralmente, situados no tempo e no espaço. Por isso, a referenciação textual é um processo intrinsecamente relacionado à enunciação, com suas categorias de pessoa, de tempo e de espaço.

O objeto de estudo da teoria da enunciação são os atos, que, segundo Fiorin (2004: 167), são “realizações linguísticas concretas”. O ato é “o próprio fato de o locutor relacionar-se com a língua a partir de determinadas formas linguísticas da enunciação que marcam essa enunciação” (FLORES *et al.*, 2011: 37).

De acordo com Benveniste (1974: 82), enunciar é colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização. Nessa ótica, a enunciação é o ato de apropriação da língua pelo falante/enunciador “a partir do aparelho formal da enunciação, o qual tem como parâmetro um locutor e um alocutário” (FLORES *et al.*, 2011: 37). Esse quadro teórico supõe a referenciação como parte integrante da enunciação, pois ao se apropriar da língua, o enunciador, estabelece uma relação com o mundo via discurso, enquanto ao ouvinte/enunciário cabe correferir no diálogo, assim

na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição dessa mesma mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso e, para o outro, a possibilidade de co-referir idênticamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor (Benveniste, 1974:84).

Nesse sentido, reitera-se o que foi colocado inicialmente, ou seja, que a referenciação se constitui no processo de interação verbal, sobretudo nas “operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve” (APOTHELÓZ, REICHLER-BÉGUELIN, 1995: 265).

A partir disso, este trabalho busca, primeiro, verificar como os interlocutores se instauram na interação verbal, bem como a relação deles com a **não pessoa**. Daí, parte-se para a análise referencial da **não pessoa** do discurso. Busca-se, mais especificamente, observar como ela é introduzida e mantida no enunciado.

Selecionou-se para a realização deste estudo o conto *Tentação*, de Clarice Lispector. Nesta obra há quatro **não pessoas** do discurso, mas, em respeito ao espaço disponível neste

trabalho, apenas duas serão analisadas (as protagonistas). O que se busca nessa análise é a verificação: a) dos elementos fóricos (sintagma nominal, pronome ou zero) usados na introdução e na recuperação da **não pessoa**; b) do grau de identificação desses elementos; c) da contribuição dessa informação para a caracterização da **não pessoa**; d) da instauração da **não pessoa** no tempo e no espaço.

O grau de informação ou de identificação é aqui estudado com apoio em Neves (no prelo), que considera a existência de: grau máximo de identificação, nos nomes próprios; grau intermediário de identificação, nos sintagmas nominais cujos núcleos sejam compostos por substantivos comuns; grau baixo de identificação, nos pronomes pessoais²; grau zero de identificação, nas casas fóricas vazias.

Nesse tipo de verificação é possível evidenciar como a relação dos elementos que tecem o texto contribui para a produção de sentido. Antes da análise aqui proposta, apresentam-se alguns pressupostos que contribuem para a realização deste estudo.

A referenciação

De acordo com Neves (2007: 75), a referenciação se efetua num universo do discurso em que os participantes negociam e escolhem “referir-se a algum (alguns) indivíduos(s) cuja identidade estabelecem – ou não – segundo queiram – ou não – garantir a sua existência nesse universo”. Portanto, como observa a autora, referenciação envolve interação e intenção. Daí se conclui que a referenciação é um processo do discurso em que o enunciador escolhe elementos da língua para construir a rede referencial que tece o enunciado. Os elementos que compõem essa cadeia referencial são introduzidos e mantidos no texto, ora retomando ora antecipando o conteúdo do enunciado. Há, ainda, a possibilidade de um referente textual não ser retomado no texto, o chamado referente de menção única, mas a remissão ou a retomada só ocorrerão se houver um referente com o qual seja possível estabelecer alguma relação, ainda que tal referente esteja implícito.

As casas fóricas que compõem a cadeia referencial são preenchidas por expressões referenciais que podem ser representadas por elementos lexicais ou por elementos gramaticais. Segundo Koch (2010), as formas lexicais podem ser representadas por grupos nominais definidos (introduzidos pelo artigo definido ou pelo demonstrativo que exercem função remissiva), nominalizações, sinônimos, hiperônimos, etc. Quanto às formas

² Nesta proposta são considerados também os pronomes possessivos e demonstrativos.

gramaticais, a autora afirma que algumas dessas formas compõem o sintagma nominal, determinando ou modificando o núcleo, incluindo-se aí os artigos e os pronomes adjetivos (demonstrativos e possessivos), além dos pronomes pessoais de terceira pessoa (**ele, ela, eles, elas**), os pronomes substantivos (demonstrativos, possessivos etc.) e os advérbios pronominais.

A interligação dos elementos linguísticos/fóricos que formam a cadeia referencial (processo de introdução e manutenção de referentes) contribui para manter a coesão e o sentido do enunciado.

Neste trabalho, cujo foco é a referenciação endofórica, está envolvido, particularmente, o sintagma nominal (SN), o pronome pessoal de terceira pessoa, o determinante possessivo ou o demonstrativo, também de terceira pessoa, e o zero Ø (casa fórica vazia).

A enunciação

A enunciação comporta as categorias que representam pessoa, tempo e espaço. Além dessas, ela comporta também a **não pessoa** do discurso. Essas categorias se atualizam em cada situação discursiva, pois “as línguas e a linguagem inscrevem-se num espaço real, num tempo histórico e são faladas por seres situados nesse espaço e nesse tempo” (FIORIN, 1999:10). Em outras palavras, pode-se dizer que o enunciado se atualiza de acordo com o contexto no qual está inserido.

Segundo FLORES *et al.* (2011: 74), o ato que confere à língua o estatuto de língua é intersubjetivo, pois tomar a palavra implica a utilização de uma forma da língua (**eu**) que constitui o sujeito da e na língua, e constitui o **tu** (o não **eu**) que reconhece e compreende a língua e que, porque reconhece e compreende, é passível de tornar-se **eu**. Os autores notam que a intersubjetividade da língua está não só no fato de que ela prevê **eu** e **tu**, mas também no fato de que ela estabelece a **não pessoa** do discurso, todos os signos que medeiam a relação intersubjetiva.

A categoria pessoa é fundamental para o processo enunciativo, pois as pessoas instituídas no discurso são instituídas no tempo e no espaço da enunciação: **eu-aqui-agora** (BENVENISTE 2005). Segundo Fiorin (2003), o espaço e o tempo estão na dependência do **eu** que nele se enuncia (eu/aqui/agora), portanto, é a partir dessa relação que se organizam todas as relações espaciais e temporais.

Flores *et al.* (2011:54) traz a seguinte explicação: “**aqui- agora** – espaço e tempo na e pela enunciação – estabelece coordenadas para as expressões espaciais e temporais e, como estas expressões estão vinculadas a **eu-tu**, é pela via da intersubjetividade que têm referência”. O autor, assim como Fiorin (2003), diz ainda que o sujeito é que dispõe espaço e tempo, ou seja, ao expressar-se, ele “temporaliza” e “espacializa” os acontecimentos.

Na relação entre as três pessoas do discurso há uma heterogeneidade, porque, segundo Benveniste (2005), apenas na primeira e na segunda pessoa há ao mesmo tempo uma pessoa implicada e um discurso sobre essa pessoa. A primeira pessoa é aquela que fala, a segunda é aquela com quem se fala, enquanto a terceira, aquela de quem se fala, é enunciada fora do “**eu-tu**”, e pode referir-se a qualquer coisa ou pessoa não específica. Por essa razão, a terceira pessoa exprime aquele que está ausente, a “**não-pessoa**” (BENVENISTE, 2005:251).

Desse modo, **eu** e **tu** são únicos no discurso: quem fala e a quem alguém se dirige, respectivamente (papéis que se invertem constantemente no processo de interação verbal), e a terceira pessoa é aquela que pode fazer referência a várias “coisas” (LYONS, 1979), a um sujeito determinado ou até mesmo a nenhum sujeito, razão pela qual a terceira pessoa tem papel fundamental no processo de referenciação textual (endofórica), já que, ao antecipar ou retomar elementos que compõem o enunciado, contribui para garantir a coesão textual.

Benveniste (2005: 278) observa que o pronome *eu*, diferentemente dos outros elementos utilizados no discurso, não tem um referente que o represente de forma idêntica, pois “cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal”. Assim, continua o autor, o *eu* cria o seu próprio discurso, e somente nele é identificado; uma vez instaurado no discurso, introduz uma situação de alocação em que o *tu* é instaurado como alocutário.

Quanto à primeira pessoa do plural, Benveniste (2005) sugere que o **nós** não é uma multiplicação do **eu**, mas a junção deste, que predomina, com o **não eu**, ou seja, o **nós** é a pessoa amplificada. Nesse propósito, Fiorin (1999) lembra que há um **nós** inclusivo (**eu + tu** – singular ou plural), que é dêitico, e um **nós** exclusivo, em que ao **eu** se juntam ele ou eles. Nesse último caso, há, normalmente, expresso no enunciado, um sintagma que representa o **ele** presente no **nós**. Além desses, há um **nós** misto, em que ao **eu** se

acrescentam **tu** (singular ou plural) e **eles**. Compreende-se por aí que somente a terceira pessoa ou a **não pessoa** pode representar o verdadeiro plural **ele/eles**.

As pessoas da enunciação se instauram no tempo que se manifesta na linguagem, na discursivização das ações (FIORIN, 1999: 140). Trata-se da manifestação do que está passando, do que já passou ou do que ainda será, tudo presentificado na linguagem. De acordo com o autor, a temporalidade está intrinsecamente relacionada à sucessão de estados e transformações expressos no texto, que pode ou não respeitar a ordem natural dos acontecimentos, dependendo do propósito do falante.

Assim sendo, todos os tempos da língua são definidos pelo momento da enunciação, o **agora**, que ordena a categoria da **concomitância x não concomitância**. Isso quer dizer que o momento do acontecimento (MA) pode ser concomitante com o momento da enunciação (ME) – nesse caso, o momento de referência (MR) é presente –, ou não concomitante – nesse caso, o momento do acontecimento pode ser anterior ao momento da enunciação, constituindo o MR pretérito, ou posterior ao momento da enunciação, configurando o MR futuro (FIORIN, 2003).

Quanto à categoria de espaço, Fiorin (1999) fala de elementos que podem indicar o espaço linguístico do discurso, ou seja, o espaço em que ocorre o ato de comunicação. Eles são os responsáveis por atualizar e situar o falante no espaço, pois atuam em função dêitica, anafórica ou catafórica, apontando, retomando ou antecipando elementos do discurso. Os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar estão entre os elementos que indicam o espaço linguístico do discurso. O pronome demonstrativo é o responsável por atualizar e situar o falante no espaço. Quanto aos advérbios, **aqui** e **aí** marcam o espaço referente à primeira e à segunda pessoa, respectivamente. O espaço fora da enunciação é marcado pelo advérbio **ali**. Assim como esses, outros advérbios são utilizados para indicar espaços, tais como: **cá**, **lá**, **acolá** entre outros.

Os mecanismos de instauração de pessoas, espaços e tempos no enunciado, de acordo com Fiorin (1995), são dois: a debreagem e a embreagem. A primeira “é a operação em que a instância de enunciação disjunge de si e projeta para fora de si, no ato de linguagem e com vistas à manifestação, certos termos ligados a sua estrutura de base para assim constituir os elementos que servem de fundação ao enunciado-discurso” (GREIMAS & COURTÉS, 2008: 111). Por outro lado, a embreagem é “o efeito de retorno à

enunciação, produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado” (FIORIN, 1995: 29).

Na proposta deste trabalho, parte-se das categorias pessoa, tempo e espaço instituídas na enunciação, e aqui descritas (**eu-aqui-agora**), para a relação que há entre elas e a **não pessoa** do discurso. A observação dessa relação permite, muitas vezes, verificar a diluição entre os pontos referenciais que são aparentemente fixos.

Enunciação e referenciação: uma análise

Para análise aqui proposta foi selecionado o conto *Tentação*³, de Clarice Lispector (1999), no qual, como já referido, observam-se tanto as instâncias da enunciação, como a construção referencial da **não pessoa**. Nesse texto há quatro **não pessoas** do discurso (aqui nomeadas como personagens), mas, para o estudo referencial serão observadas apenas as principais, que são duas. Para que se possa buscar mais facilmente, no enunciado, elementos referidos na análise, as linhas do texto foram numeradas e, especificamente, para o estudo referencial, as duas **não pessoas** do discurso foram marcadas em negrito. Além disso, cada uma recebeu um índice subscrito: (*i*) para a menina e (*j*) para o cão. Na verificação dos elementos fóricos usados para introduzir e manter essas personagens foram considerados: sintagma nominal, pronome⁴ pessoal, zero, bem como o pronome possessivo ou o demonstrativo que entre na composição do sintagma nominal como determinante.

- 01) **Ela_i** estava com soluço. E como se não bastasse a claridade das duas
- 02) horas, **ela_i** era ruiva. Na rua vazia as pedras vibravam de calor - a cabeça
- 03) **da menina_i** flamejava. Sentada nos degraus de **sua_i casa, ela_i** suportava.
- 04) Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente no ponto do
- 05) bonde. E como se não bastasse **seu_i olhar** submisso e paciente, o soluço
- 06) **a_i** interrompia de momento a momento, abalando o queixo que se
- 07) apoiava conformado na mão. Que fazer de **uma menina ruiva_i** com
- 08) soluço? Olhamo-nos sem palavras, desalento contra desalento. Na rua
- 09) deserta nenhum sinal de bonde. Numa terra de morenos, ser ruivo era
- 10) uma revolta involuntária. Que importava se num dia futuro **sua_i marca**
- 11) ia fazê-**la_i** erguer insolente uma cabeça de mulher? Por enquanto **ela_i**
- 12) estava sentada num degrau faiscante da porta, às duas horas. O que **a_i**
- 13) salvava era uma bolsa velha de senhora, com alça partida. Segurava-a

³ Esse conto é parte integrante do livro *A legião estrangeira*, 1999.

⁴ Como se trata de uma análise da referenciação endofórica (interna), todos os pronomes (pessoal, possessivo ou demonstrativo), aqui considerados, são de terceira pessoa.

- 14) com um amor conjugal já habituado, apertando-a contra os joelhos.
 15) Foi quando se aproximou a **sua_i outra metade_j** neste mundo, um irmão
 16) em Grajaú. **A possibilidade de comunicação_j** surgiu no ângulo quente
 17) da esquina, acompanhando uma senhora, e encarnada na figura de um
 18) cão. Era um basset lindo e miserável, doce sob a sua fatalidade.
 19) Era um basset.
 20) Lá vinha **ele_j** trotando, à frente de **sua_j dona**, arrastando **seu_j**
 21) **comprimento**. \emptyset_j Desprevenido, acostumado, cachorro.
 22) **A menina_i** abriu os olhos pasmada. Suavemente avisado,
 23) **o cachorro_j** estacou diante **dela_i**. **Sua_j língua** vibrava. Ambos se
 24) olhavam. Entre tantos seres que estão prontos para se tornarem donos
 25) de outro ser, lá estava **a menina_i** que viera ao mundo para ter
 26) **aquele cachorro_j**. **Ele_j** fremia suavemente, sem latir. **Ela_i** olhava-**o_j**
 27) sob os cabelos, fascinada, séria. Quanto tempo se passava? Um grande
 28) soluço sacudiu-**a_i** desafinado. **Ele_j** nem sequer tremeu. Também **ela_i**
 29) passou por cima do soluço e continuou a fitá-**lo_j**.
 30) Os pêlos de ambos eram curtos, vermelhos. Que foi que \emptyset_{ij} se
 disseram? 31) Não se sabe. Sabe-se apenas que \emptyset_{ij} se comunicaram
 32) rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar
 33) **eles_{ij}** se pediam. \emptyset_{ij} Pediam-se com urgência, com encabulamento,
 34) surpreendidos.
 35) No meio de tanta impossibilidade e de tanto sol, ali estava **a solução_j**
 36) para **a criança vermelha_i**. E no meio de tantas ruas a serem trotadas,
 37) de tantos cães maiores, de tantos esgotos secos – lá estava
 38) **uma menina_i** como se fora carne de **sua_i ruiva carne**. **Eles_{ij}** se fitavam
 39) profundos entregues, ausentes de Grajaú. Mais um instante e o
 40) suspenso sonho se quebraria, cedendo talvez à gravidade com que
 41) \emptyset_{ij} se pediam. Mas ambos eram comprometidos.
 42) **Ela_i** com sua infância impossível, o centro da inocência que só se
 43) abriria quando **ela_i** fosse uma mulher. **Ele_j**, com sua natureza
 44) aprisionada. A dona esperava impaciente sob o guarda-sol.
 45) **O basset ruivo_j** afinal despregou-se **da menina_i** e saiu sonâmbulo.
 46) **Ela_i** ficou espantada, com o acontecimento nas mãos, numa mudez
 47) que nem pai nem mãe compreenderiam. \emptyset_i Acompanhou-**o_j** com olhos
 48) pretos que mal acreditavam, debruçada sobre a bolsa e os joelhos,
 49) até vê-**lo_j** dobrar a outra esquina. Mas **ele_j** foi mais forte que **ela_i**.
 50) Nem uma só vez \emptyset_j olhou para trás.

(LISPECTOR, 1999: 42-44)

Como se pode observar no texto, o que a princípio parece ser uma debreagem enunciativa, com o narrador em terceira pessoa, revela-se, na linha 8, como uma debreagem enunciativa, com narrador em primeira pessoa: “Olhamo-**nos** sem palavras, desalento contra desalento”. Esse narrador, instaurado desde o início, não é identificado inicialmente, pois não há marcas no enunciado que o revelem. Na verdade, o pronome pessoal **nos** é a única marca textual que faz perceber que se trata de um texto enunciativo e não enuncivo.

Excetuando-se essa passagem na qual a **não pessoa** se instaura explicitamente como o **tu** que interage com o narrador, na totalidade do enunciado, o narrador (**eu**) interage com um narratário implícito (**tu**).

Ainda sobre a marca textual que revela o narrador em primeira pessoa (o pronome **nos**), pode-se dizer que, considerando a interação entre o narrador e o narratário implícito (para quem ele narra os fatos), trata-se de um nós exclusivo (FIORIN, 2003) – uma junção de um **eu** (narrador) com um **não eu** (representado no enunciado pelo pronome pessoal **ela**), mas, considerando o momento em que eles (o narrador e a **não pessoa**) se olham, pode-se dizer que aí há um nós inclusivo – uma junção de um **eu** (narrador) com um **tu**, pois quando trocam olhares, a terceira pessoa se instaura como interlocutor do narrador.

Depois que se descobre tratar-se de um narrador em primeira pessoa, o efeito de subjetividade e proximidade fica mais evidente, mas narrador e narratário (implícito) parecem ainda mais próximos quando observadas as marcas expressas, no enunciado, pelos pontos de interrogação, em:

Que fazer de uma menina ruiva com soluço? (linhas 7 e 8);

Que importava se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente uma cabeça de mulher? (linhas 10 e 11);

Quanto tempo se passava? (linha 27);

Que foi que se disseram? (linha 30 e 31).

Mesmo com essas interpelações o narratário permanece implícito. Para este o narrador fala de quatro sujeitos, dois deles se destacam no enunciado, a menina e o cão (que serão analisados posteriormente quanto ao modo de preenchimento fórico usado na introdução e na manutenção de cada um). Além desses, há duas personagens secundárias, que são introduzidas pelos sintagmas nominais indefinidos **uma pessoa** (que espera o bonde), na linha 4, e **uma senhora** (a dona do cachorro), na linha 17.

O acontecimento narrado é anterior ao momento da enunciação (“Ela **estava** com soluço. E como se não bastasse a claridade das duas horas, ela **era** ruiva”), ou seja, há uma não concomitância entre o (ME) momento da enunciação e o (MA) momento do acontecimento (FIORIN, 1999).

Esse acontecimento ocorre em um tempo pontual do passado: “E como se não bastasse a claridade **das duas horas**”. Essa marca temporal é reiterada nesta passagem:

“Por enquanto ela estava sentada num degrau faiscante da porta, **às duas horas**”. Trata-se de uma retomada por repetição lexical que reforça a marca de pontualidade.

No geral, predomina o momento de referência (MR) pretérito. Há uma única passagem que indica posterioridade quanto ao momento da enunciação: “Que importava se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente uma cabeça de mulher? Nesse caso, a não concomitância ocorre entre o momento da enunciação e o momento de referência futuro. O uso dessa marca temporal de posterioridade revela que, mesmo havendo a possibilidade futura da personagem ser beneficiada pelo fato de ser ruiva (poderia erguer insolente uma cabeça de mulher), naquela fase da vida, a revolta por ter essa característica (portanto, diferente da maioria das pessoas) era tão marcante, que a impedia de pensar em benefícios futuros.

O espaço no qual a cena se desenrola vai gradualmente se particularizando: da rua vazia (“Na rua vazia as pedras vibravam de calor”) para os degraus da casa (“Sentada nos degraus de sua casa, ela suportava”). Essa particularização se amplifica quando o lugar onde estão as personagens é categorizado como **uma terra de morenos** (“Numa terra de morenos, ser ruivo era uma revolta involuntária”). Nessa categorização, o sintagma nominal indefinido **uma terra de morenos**, mesmo fazendo referência ao lugar no qual a menina mora, mantém a genericidade (NEVES, 2011), podendo referir-se a todo e a qualquer lugar. No entanto, pode-se observar uma informação: sendo uma terra de pessoas morenas, ela, por ser ruiva, se sente diferente. Isso talvez explique a aparente solidão da menina.

Uma informação apositiva (**um irmão em Grajaú**) espacializa o lugar de onde vem a outra personagem (“Foi quando se aproximou a sua outra metade neste mundo, **um irmão em Grajaú**”). Quando esse espaço é retomado (“Eles se fitavam profundos entregues, ausentes de **Grajaú**”), na linha 39, evidenciam-se mais duas informações: que o Grajaú é a terra das duas personagens e que o Grajaú é a terra de morenos de morenos.

Evidenciadas essas instâncias enunciativas, parte-se para a análise referencial das duas personagens principais da trama (as **não pessoas**), a fim de verificar como elas são introduzidas e mantidas no enunciado, e o quanto os elementos fóricos usados nesse processo contribuem para que se possa caracterizá-las.

Uma das personagens principais é introduzida no enunciado pelo pronome **ela** (“Ela estava com solução”), um modo não canônico de introdução, pois, em geral, o pronome

aparece retomando referentes textuais e não introduzindo (NEVES, 2011). A personagem é retomada 33 vezes no texto, mas os referentes que a retomam não trazem informações que ajudem o narratário a caracterizar essa pessoa. Para entender melhor essa colocação, no quadro abaixo estão dispostos, na ordem em que aparecem no enunciado, os elementos fóricos usados para retomá-la:

Quando 1 - Tipos de preenchimentos fóricos usados na manutenção da personagem (menina)

Retomada do referente																																
P	S	p	P	p	P	S	p	P	P	P	p	S	P	S	P	P	P	Ø	Ø	P	Ø	S	S	p	P	Ø	P	P	S	P	Ø	P

S – sintagma nominal de núcleo comum; P – pronome pessoal; p – determinante pronome possessivo; Ø - zero

Além de ser introduzida por pronome (grau baixo de informação), a personagem é retomada quase que absolutamente por pronomes: 16 vezes por pronome pessoal e 5 vezes por determinante pronome possessivo. Nas retomadas por pronome pessoal (linhas 2, 3, 6, 11, duas vezes, 12, 23, 26, 28, duas vezes, 33, 38, 42, 43, 46 e 49), o narratário tem apenas a informação de que se trata de uma pessoa do gênero feminino, mas não tem nenhuma descrição que ajude a compor essa pessoa. Isso se repete quando consideradas as retomadas por possessivo (linhas 3, 5, 10, 15 e 38) e por zero (linhas 30, 31, 33, 41 e 47).

O possessivo, em sua função bipessoal, relaciona duas pessoas do discurso (NEVES, 2011), no caso do enunciado, as duas pessoas que se relacionam são representadas pela terceira pessoa, evidenciando-se uma relação de posse entre o possessivo e o substantivo que compõe o núcleo do sintagma nominal, por exemplo: **sua casa; seu olhar, sua marca; sua outra metade; sua ruiva carne**. Daí, pode-se concluir, dentre outras coisas, que a menina tem uma casa e alguém “emocionalmente” próximo. As retomadas por zero (grau zero de informação) ajudam a manter a personagem no foco de interesse do narratário (RONCARATI, 2010), mas assim como os possessivos, não acrescentam descrição às características da personagem.

Ela é retomada sete vezes por sintagma nominal (grau intermediário) que, em geral, traz uma descrição em seu núcleo, o que poderia de fato contribuir para a caracterização (NEVES, 2011), mas não é o que acontece, pois o que se configura é, na maioria das vezes, uma repetição lexical do núcleo, que traz a mesma informação: a de que **ela** é uma menina. Isso pode ser observado nas linhas 3 (“a cabeça **da menina** flamejava”), na qual a

retomada ocorre por uma informação que se adiciona ao núcleo do sintagma; 22 (“**A menina** abriu os olhos pasmada”); 25 (“lá estava **a menina** que viera ao mundo para ter aquele cachorro”); 38 (“lá estava **uma menina** como se fora carne de sua ruiva carne”); e 45 (“O basset ruivo afinal despregou-se **da menina** e saiu sonâmbulo”).

Na linha 7, embora o núcleo do sintagma nominal (**menina**) se repita, é acrescentado a ele um modificador que traz uma informação nova referente a personagem, a de que ela é ruiva: “Que fazer de **uma menina ruiva** com soluço?”. **Uma menina ruiva** é recategorizada (linha 36) pelo sintagma **a criança vermelha** (“ali estava a solução para **a criança vermelha**”), um modo de retomar a personagem que mantém o grau de informação (NEVES, no prelo). Ser retomada como menina seis das sete vezes que é referida por sintagma nominal, na verdade, reforça a informação de gênero feminino, que já se havia observado na introdução da personagem pelo pronome **ela**, mas ao ser recategorizada como criança, embora se mantenha a ideia da infância, em certa medida, fica implicada também a ideia de inocência.

A primeira referência ao outro sujeito da enunciação vem, na linha 15, no núcleo do sintagma nominal cujo determinante pronome possessivo **sua** retoma a menina: “Foi quando se aproximou a sua **outra metade** neste mundo”. Ao ser retomado, na linha 16, ele é rotulado (FRANCIS, 2003) como **a possibilidade de comunicação** (“A possibilidade de comunicação surgiu no ângulo quente da esquina”). Esse modo de referenciar revela mais sobre a menina do que sobre a própria personagem, afinal se ele é uma possibilidade de conversa, ela, provavelmente, não tem contato com outras pessoas com as quais pode manter, ao menos na situação narrada, algum tipo de comunicação. Isso se repete, na linha 35, quando a personagem é retomada pelo sintagma nominal **a solução**: “No meio de tanta impossibilidade e de tanto sol, ali estava **a solução** para a menina vermelha”.

Até aí, referencialmente, não é possível identificar se essa personagem é do gênero feminino ou masculino, muito embora, haja, entre a introdução (sua **outra metade**) e a primeira retomada (**a possibilidade de comunicação**), uma informação apositiva que indique se tratar de alguém do gênero masculino: “Foi quando se aproximou a sua outra metade neste mundo, **um irmão em Grajaú**. A possibilidade de comunicação surgiu no ângulo quente da esquina”. Essa informação apositiva faz saber que se trata de um ser humano, ideia desconstruída pelo predicativo do sujeito que vem na sequência: “surgiu no ângulo quente da esquina acompanhando uma senhora, e **encarnada na figura de um**

cão". Esse predicativo do sujeito atribuído à **possibilidade de comunicação** também não se configura como uma informação referencial, mas como uma informação, presente no enunciado, que contribui para revelar a personagem: na verdade, um cão.

Do que se conclui que, embora a personagem seja introduzida e retomada, pela primeira vez, por sintagma nominal (grau intermediário), não há nesses sintagmas descrição que a caracterize fisicamente, mas há uma descrição que a caracteriza emocionalmente (em relação à menina). E aqui, lembre-se, mais uma vez, a retomada (linha 35) pelo sintagma nominal **a solução**, que também revela essa ligação emocional entre o cão e a menina.

Das retomadas por sintagma nominal, a única que traz uma informação referente ao cão vem na linha 45: "**O basset ruivo** afinal despregou-se da menina e saiu sonâmbulo". Embora a informação de sua raça já tenha aparecido, na linha 18, expressa pelo predicativo do sujeito **um basset lindo e miserável**, nessa retomada há uma informação a mais, a de que ele é ruivo, característica que o aproxima da menina que também é ruiva.

Assim como se mostrou com a personagem feminina, abaixo está disposto o quadro com os referentes que retomam essa **não pessoa** do discurso.

Quando 2 - Tipos de preenchimentos fóricos usados na manutenção da personagem (cão)

Retomada do referente																								
S	P	p	p	Ø	S	p	d	P	P	P	P	Ø	Ø	P	Ø	S	P	Ø	P	S	P	P	P	Ø

S – sintagma nominal; **P** – pronome pessoal; **p** – determinante pronome possessivo;
d – determinante pronome demonstrativo; **Ø** – zero

Da mesma forma que a menina, ele também é retomado na maioria das vezes por pronome (grau baixo de informação), portanto, o número de informações que contribuem para sua caracterização é muito pequeno.

No quadro abaixo é possível visualizar o percurso das duas personagens, no decorrer do enunciado, quanto ao grau de identificação (aqui está considerado o elemento fórico que introduz e os elementos fóricos que retomam cada personagem):

Quadro 3 – grau de identificação das personagens: M – máximo; I – intermediário; B – baixo; Z – zero
 ■ menina / ■ cão

Grau	Referências às personagens																			
M																				
I	■		■		■		■		■		■		■		■		■		■	
B	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Z			■				■		■		■		■		■		■		■	

Referencialmente é mínima a descrição das duas personagens principais, ambas não são referidas nenhuma vez no grau máximo de identificação (nome próprio). Elas se mantêm quase que na totalidade do enunciado no grau baixo ou zero de informação (pronome), e, como já se mostrou, quando circulam pelo grau intermediário (sintagma nominal), ou a descrição se repete, caso da menina, ou não contribui para caracterizar a personagem, caso do cão. O que de fato ajuda a acumular informações que complementam a caracterização de cada personagem são as qualificações atribuídas a elas. Exemplo disso são as seguintes qualificações referentes à menina: ruiva, pêlos curtos e vermelhos, olhar submisso e paciente, etc. Já quanto ao cão, tomem-se como exemplos: um basset, pêlos curtos e vermelhos, lindo, miserável e doce. Aliás, ter pêlos curtos e vermelhos é uma característica que aproxima a menina e o cão, afinal, eles são diferentes da maioria, mas se identificam, pois ambos são ruivos, de pêlos curtos e vermelhos.

Além disso, algumas marcas da enunciação, ao espacializarem essas duas **não pessoas**, contribuem com informações referentes às personagens. Isso pode ser visto em “sentada nos degraus de sua casa, ela suportava. Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente no ponto do bonde”. Nessa passagem, além de ficar evidente o local onde a personagem está (os degraus de sua casa), evidencia-se uma informação relacionada ao contexto no qual ela vivia, ou seja, uma época na qual as pessoas usavam o bonde como meio de transporte.

Já o pronome adverbial **ali** (“No meio de tanta impossibilidade e de tanto sol, **ali** estava a solução para a criança vermelha”) funciona como um dêitico que aponta, ao

mesmo tempo, para o cão, indicando que é ele a solução para a aparente solidão da menina, e para o lugar onde ele está: a rua deserta, de frente para a menina.

Pelo exposto, nota-se o quanto o percurso referencial das duas **não pessoas** está imbricado nas instâncias da enunciação, pois se não fossem as marcas (ou em alguns casos, a falta delas) do enunciado, que delimitam o narrador, o narratário, o tempo e o espaço, não seria possível completar o quadro de identificação das personagens.

Considerações finais

No enunciado analisado, a referenciação e a enunciação são dispostas de forma bastante singular. O narrador, por exemplo, é um **eu** revelado apenas na linha 8, que, ao ser revelado, permite ao narratário perceber que estava presente no acontecimento relatado. Ele pode, inclusive, ser a pessoa que esperava inutilmente no ponto do bonde: “Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente no ponto do bonde” (linhas 4 e 5).

Quanto ao processo de referenciação, veja-se que o modo de introduzir a personagem a menina faz pressupor que o narratário, embora seja implícito, conheça essa **não pessoa**, afinal, o narrador a introduz pelo pronome pessoal **ela**, um tipo de introdução não canônica, pois o pronome, em geral, retoma uma informação que já é conhecida do ouvinte. Além disso, esse tipo fórico se repete muitas vezes no enunciado, e a personagem não é referida nenhuma vez pelo nome próprio, o que se configuraria o grau máximo de identificação (NEVES, no prelo). A outra personagem principal, o cão, só se revela referencialmente como tal na sexta vez que é retomado.

Os elementos fóricos usados no estabelecimento da cadeia referencial dessas personagens não acrescentam informações que ajudem a caracterizá-las, no entanto, as qualificações e as marcas temporais e espaciais expressas no enunciado ajudam a criar um quadro com um número maior de informações, tais como o local onde elas estão (a rua deserta), ou de onde elas vêm (Grajaú); o horário do acontecimento (duas horas); a raça do cão (basset), etc.

Isso mostra que, como postula Benveniste (1974), a referenciação é parte integrante da enunciação. Sem esse jogo, no qual referenciação e enunciação se integram, não seria possível manter o efeito de mistério (Quem são as personagens? Que tipo de relacionamento há entre elas?) e de suspense (O que vai acontecer? Tanto no momento do encontro, como no momento da separação) relacionado às personagens.

Esse tipo de construção estimula o narratário a construir mentalmente, a partir das informações que lhe são dadas pelo narrador, as hipóteses e as respostas para o desenrolar da trama. Dessa forma, pode-se concluir que cada narratário irá interpretar o mistério que envolve as personagens de acordo com o seu conhecimento de mundo, ressignificando o enunciado a cada leitura.

Referências

- APOTHÉLOZ, D.; REICHER-BÉGUELIN, M. J. *Construction de la référence et stratégies de designation*. TRANEL (Travaux neuchâtelois de linguistique), n. 23, p. 227-271, 1995.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 5 ed. São Paulo: Pontes, 2005. [1966]
- BENVENISTE, E. Estruturalismo e linguística. *Problemas de Linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1974.
- FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTI, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 191-228, 2003.
- FIORIN, J. L. A pessoa desdobrada. *Revista Alfa*. São Paulo, 39: 23-44, 1995.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- FIORIN, José Luiz. Pragmática. In: FIORIN, José Luiz (org). *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: FIORIN, José Luiz (org). *Introdução à Linguística I: objetos teóricos*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- FLORES, W. N. *et al. Enunciação e gramática*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- GREIMAS A. J e COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008 [1993].
- KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. 22 ed. São Paulo: Contexto, 2010. [1989]
- LISPECTOR, Clarice. Tentação. In: *A Legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999.

LYONS, J. *Introdução à Linguística teórica*. Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. Revisão. Prof. Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Gramática de usos do português*. 2 ed. Atualizada. São Paulo: UNESP, 2011. [1999]

_____. *Referenciação: identificação e descrição de referentes*. No prelo.

RONCARATI, C. *As cadeias do texto: construindo sentido*. São Paulo: Parábola, 2010.